

Fonfom

RUY CASTRO *

As três grandes redes da TV americana vão seguir o exemplo de Hollywood nos anos 30 e instituir uma espécie de código de ética. Elas próprias acham que o negócio está passando da conta e querem regular a quantidade de violência e cenas escabrosas no vídeo. É uma espécie de auto-censura, e isto num país onde não existe a possibilidade de censura. Não que a TV americana seja um completo horror. Comparada com o boçal e permanente festival de tiroteios, explosões, espancamentos, quebra-quebras, perseguições e golpes de caratê da TV brasileira, ela ainda tem um sabor quase cinquentão de *I Love Lucy*. Mas, por via das dúvidas, as redes americanas resolveram tomar providências antes que o grande censor — o público — decida trocar de canal.

Os espíritos de porco dirão que essa é uma medida *cosmética* porque, se você maquiara a realidade para que ela apareça bonitinha no vídeo, isso não impede a realidade de continuar acontecendo. Têm razão e, aliás, essa é uma das piores características da realidade — a de insistir em acontecer. Não seria mau que a realidade tirasse umas férias de vez em quando, dando um fresco aos humanos que, à falta de escolha, têm de viver nela.

Supondo, por exemplo, que a TV brasileira, num átimo de dignidade, resolvesse desidratar a sua programação dessa dose cavalariça de filmes estúpidos, ela não perderia muito do coeficiente de grossura que se julga obrigada a exibir. A estupidez da vida real já lhe ofereceria abundante material.

Os telejornais de quarta-feira à noite deram uma boa demonstração disso. Você se encontrava no sacrossanto recesso do seu lar, preparando-se

para aquela que seria, essa sim, uma batalha de homens (o jogo Flamengo x São Paulo), quando foi obrigado a ver senhores de terno, gravata e nenhuma compostura transformando o Congresso num *salloon* de banguê-banguê italiano tipo *Trinity*. Os telejornais tiveram a caridade de reduzir o vexame a poucos segundos. Na vida real (que, infelizmente, não pode ser editada), ele, o vexame, se arrastou por quase duas horas.

Ao som de ameaças, vaias e troca de desaforos entre deputados, houve puxa-puxa em torno de um solene documento, o qual foi finalmente capturado por um deles, rasgado e atirado para o alto como confete. Um microfone foi quebrado, dedos ameaçaram narizes, mãos foram citadas em voz alta. Enquanto isso, nas galerias, uma tradicional claqué de estudantes que há anos não assistem a uma aula encarregava-se de estimular a baderna. Uma tentativa de evacuação das galerias começou a ser impedida por dois deputados. E, de fato, depois do que acontecera, já não era preciso evacuar mais nada.

Antigamente, às quartas-feiras, o forte da televisão naquele horário era *A Buzina do Chacrinha*. Foi o programa mais anárquico da televisão brasileira até então e, em sua época, uma sensação. Sociólogos, comunicólogos e enganólogos em geral não o perdiam, vendo naquele caos o retrato acabado da sociedade brasileira: o descalabro organizado. E, de fato, era genial como Chacrinha, gritando "Teresiiiiinha!!!" e atirando bacalhau para o auditório, conseguia impor uma espécie de ordem àquela desordem. É verdade que ele tinha uma arma: a buzina. A cada

fonfom, os artistas, o auditório e os técnicos esqueciam o tumulto e se enquadravam no *script*.

Talvez tenha sido o que faltou anteontem ao presidente do Congresso, Humberto Lucena: uma buzina. Ou apelos à Teresinha. As campanhas não deram conta. Pensando bem, talvez nem o próprio Chacrinha fosse capaz de pôr ordem no Congresso na quarta-feira — ou nas próximas sessões do gênero, já que o deputado que começou tudo ameaça fazer de novo, só que pior.

As televisões americanas querem melhorar o nível porque têm medo do público. Já nossos políticos não têm medo de nada. Interpretam seus papéis com uma exemplar canastrice, indiferentes ao fato de que há olhos atentos por baixo dos quepes, nostálgicos dos tempos em que tinham esses mesmos políticos (e a todos nós) sob rédea curta e, provavelmente, só esperando o cansaço nacional para botar o bacalhau para fora. Bem, os políticos estão fazendo o que podem, protagonizando essas videocassetadas ao vivo.

O motivo da zorra no Congresso é a revisão da Constituição — decidida pelos próprios constituintes em 1988 e sobre a qual não parecia restar nenhuma dúvida. Mas há setores que se opõem caninamente a qualquer revisão. Estão satisfeitos com essa Constituição dirigista, estatizante e corporativista, sob a qual o Brasil vai tão bem e ainda promete melhorar.

Talvez não haja mesmo o que revisar. O melhor seria fazer logo outra.

**Talvez nem
Chacrinha
pusesse
ordem no
Congresso
nesta
quarta-feira.**